



**Revista Aspas**  
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v8i1p1-6

# **GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO: IDENTIDADE, DIFERENÇA E CLASSE**

Editorial

**Flaviana Benjamin &  
Matheus Cosmo**

## Dialogias do gênero

O notório percurso marcado pelos protagonismos de gênero e raça no cenário social brasileiro e sua incontestável luta na crítica aos modelos enrijecidos e de *sujeição* (LUGONES, 2014) têm deslocado reflexões e expressões artísticas significativas no país.

Nesta edição de 2018, a *Revista Aspas* com muita satisfação abre caminho para discutir as relações entre cultura, gênero e raça, compreendendo a força destas presenças em decisões pulsantes no cenário atual e, com isso, trazemos a público contribuições de diversos segmentos para dialogar e exemplificar outras formas de existir. Este número recebeu o maior número de submissões desde a primeira edição da revista no ano de 2011 – sintoma da ampla alteração sobre o tema das *relações de gênero* (BUTLER, 2015) nos espaços sociais, debates e resistência nas ruas.

Abrimos esta conversa com três contribuições-chave: a primeira se dá através do artigo de Nina Caetano, que discute *ser feminista* e, como resposta ao extermínio diário de mulheres no país, descreve, a partir da ação performativa *Espaço do Silêncio* (2013), dados alarmantes sobre a violência. A segunda aparece no decurso da linha epistemológica sob a perspectiva da teoria *queer* de Manoel Silvestre Friques, que nos dá pistas na tentativa de novos olhares para a teoria teatral. Já a terceira peça-chave nos permite refletir sobre as relações cênicas da iluminação em contestação ao paradigma patológico de *transexualidade* que reduz a *transgeneridade* que Dodi Leal subverte na criação taxonômica de *luzvesti* (*luz + travesti*).

Em consonância, *Minha vida em cor-de-rosa*, de Megg Rayara Gomes de Oliveira, propõe falar sobre a infância trans como tema central de sua análise; assim como ela, Renata Carvalho, na seção **Entrevista**, coletada por Urbano Lemos Jr. e Vicente Gosciola, expõe a necessidade de falar sobre o corpo trans na triste realidade que enquadra determinados corpos na abjeção. Nesse sentido, Butler (2015) questiona quais sujeitos são representados na Legislação, ao passo que qualquer decisão ainda levaria ao normativo que direciona a ideia do humano passível de reconhecimento e representação. O reconhecimento também é tema do artigo de Carolina de Melo Ferraresi, que discorre sobre a trajetória do ator Edgard Gurgel

Aranha, falecido em 1990, na composição de um teatro como fenômeno do *travestimento*. Na medida que poucas ou nenhuma mulher desenvolvia papéis no teatro nacional, algumas, ao longo dos anos, foram inseridas clandestinamente. A autora expõe que em 1964 o nu feminino passa a ser explorado por intermédio das vedetes e, através da figura do *fresco* – e, logo em seguida, por meio do *entendido* –, a homossexualidade masculina surge, timidamente, nos palcos teatrais do país.

Temas concernentes às mulheridades têm presença significativa neste número, aparecendo na seção **Processos de Criação** com o trabalho da autora Janaina Fontes Leite, que relata o experimento, junto a outras mulheres, do núcleo de pesquisa que resultou no espetáculo *Feminino Abjeto* – tensão entre arte e vida mediante relatos autobiográficos. Outros testemunhos também aparecem na seção **Artigos**, com depoimentos que registram a organização das mulheres na urgência de modificar as desigualdades na esfera trabalhista. Para efeito de subversão e desobediência, elas, em sua história, reivindicaram o direito ao voto como maneira de construir espaços de circulação. Dessa forma, a ação operária (trabalhista) no movimento feminista anglo-saxão tornou-se estruturante das reivindicações do gênero, e o direito ao voto trazia luz às possíveis melhorias trabalhistas. A autora Luísa Damaceno de Lacerda analisa a ausência do protagonismo das mulheres no cenário musical e, através de entrevistas e depoimentos de musicistas, descortina as relações de desigualdade, determinismo biológico e violência física e moral. Relata também a maternidade como fator decisivo na trajetória artística e a responsabilidade familiar como fatores de análise na carreira das artistas. Na questionável ótica da produtividade na relação público/privado, Mariela Lamberti de Abreu utiliza a obra *Dar de Si* (2011) da artista Roberta Barros no pulsante elo “arte e vida” em que o lugar de mãe é problematizado. A casa é usada, por elas, como problemática e ação artística latente. A performance arte, apresentada por Barros, perpassa a ótica de maternidade e prazer.

O âmbito relacional torna-se base para Mirela Ferreira Ferraz tratar da ação performativa com o espectador ao relatar a obra da artista Nina Caetano como dispositivo político de contraversão da violência. Em sua trajetória, a conexão da performance arte com os passantes produz um campo interrogativo e os problemas sociais são debatidos em coletivo.

Das transições de fertilidade (gestação/parto) caminhamos para o debate sobre a brevidade da vida e os indícios autobiográficos como ativador de reminiscências na produção de experiências cênicas. Sobre tais indícios, na cena contemporânea artística, Stela Fischer e Leticia Olivares compartilham o ambiente criacional com mulheres idosas na construção simbólica de uma memória viva e palpável. O envelhecimento atravessa as relações de classe, alterações fisiológicas, isolamento social, transtornos emocionais etc. As autoras argumentam um diagnóstico estrutural e sistêmico na relação com a velhice.

Na seção **Performatividade**, o liame “teoria e prática” atravessa experimentos híbridos e conceitos gerados em torno do gênero. A proposta da autora Flávia Naves na criação e execução da performance duracional *Figuraça* traça um diálogo epistolar com a filósofa estadunidense Judith Butler. Segundo Naves, o uso de aparatos tecnológicos trouxe outras formas de pensar a teoria e de se aproximar de um *corpo-coisa*, ressaltando como as marcas do corpo podem alçar novos espaços e autonomia. Ainda no que tange a experimentos relacionados às tensões entre teoria e forma, a performopalestra de Pamella Villanova faz uso da justaposição de teatro e palestra na realização cênica, através do mito grego de Helena, ao idealizar um futuro político de escolha sexual.

A política educacional segue na seção **Gênero e Educação** em busca de mecanismos e instrumentos autônomos. O espaço escolar e a exclusão das identidades desviantes é assunto apresentado por Robson Guedes da Silva na tipificação e reprodução do ambiente escolar que, por vezes, não enxerga o outro como abertura de desconstrução.

*Flaviana Benjamin*  
*Editora do número*

### Entre aspas

Embora seja por muitos considerada como ultrapassada, a teoria dos gêneros literários ainda parece ser de grande valia àqueles que a souberem utilizar. Seguindo seus esquemas e preceitos, dentre os registros de escrita a lírica seria aquele no qual a individualidade revelar-se-ia de modo patente. Todavia, uma das passagens mais conhecidas de Charles Baudelaire parece enfatizar que poesia e progresso formam um par antinômico, de modo que as

condições de fortalecimento e difusão da prática poética tendem a se diluir em meio à hostilidade própria à sociedade industrial. Talvez muitos sejam os motivos para tal ocorrência. Contudo, é provável que um se faça salutar.

Pressuposta à organização moderna, a reificação apresenta-se como sintoma recorrente de uma sociedade imersa em contradições, pautada apenas pela pungência de seus valores de troca. Transformada em objeto e mercadoria, a própria ideia de subjetividade tende a perder-se ao mesmo tempo que se mostra latente nos discursos e rumores sociais. Se é própria ao desenvolvimento das sociedades modernas a regressão individual, à lírica fica pressuposto um difícil dilema acerca da afirmação de seus próprios alicerces. Afinal, que espaço se reserva ao clarão da letra quando a própria voz que tende a emanar nos textos pende à dissolução? Como interpretar o emprego de uma partícula pessoal (“eu”) em um momento histórico pautado pela ausência de individualidades e a massificação de uma mesma matriz subjétil?

Os textos que aqui se apresentam não necessariamente respondem as questões elencadas. Contudo, talvez seja necessário enfatizar que são elas que tendem a guiar um difuso processo histórico no qual a própria capacidade de resistência parece se perder enquanto pretende fazer barreira a um processo histórico já desenvolvido, ainda que pouco compreendido e analisado. Por vezes, após um momento de derrota política, parece urgente lembrar que a lucidez é preferível a calorosos discursos sem embasamento prático: sem liberdade coletiva não existe a possibilidade da liberdade individual. Os nós que entrelaçam o sujeito à coletividade são os mesmos que tramam uma profunda conexão entre arte e sociedade. Resta enxergá-los.

Sob esse prisma, as indagações de Maria Giulia Pinheiro levantam problemas que, a despeito da ausência de uma possibilidade concreta de solucioná-los, parecem demonstrar uma boa alternativa de resignificação da própria existência – tarefa difícil, mas igualmente necessária a quem não se deixa esquecer que toda matriz de poder objetiva atravessa, em primeiro lugar, o âmago de cada subjetividade. Lembrando-se disso, à *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, José Mário Peixoto Santos fornece novo contexto e estrutura, na qual o tom da dinâmica tende a ser fornecido, antes de tudo, pela classe social correspondente – impulso que pode abrir uma boa discussão a partir de seus versos finais.

“Ressignificação” parece uma boa palavra-chave também ao escrito de Daniel Manzoni de Almeida. Todavia, ao tentar apropriar-se, de algum modo, do mito de Penélope, o narrador logo enfatiza: “Como é bom perder o passado e ter só o futuro como meta”, motivo que talvez sinalize que a esse texto uma leitura ao avesso – pensando a impossibilidade de captura de uma matriz pertencente àquilo que um dia Hegel considerou como um caráter poético do mundo – possa ser mais proveitosa e significativa que outras, levando em consideração todos os impasses modernos inerentes à constituição de subjetividades, ao avanço da indústria cultural e à impossibilidade de lidar com a própria falta, com os próprios limites e lacunas, bem como a delimitação de uma matriz desejanse a partir de padrões circunscritos pela branquitude e por uma difusa heterossexualidade compulsória.

Por fim, encontra-se a peça de Víctor Zavala Cataño, intitulada *El Gallo*, traduzida por Patrícia Freitas dos Santos. Autor pouquíssimo conhecido no Brasil, a porcentagem de ausência de informações a seu respeito é diretamente proporcional ao teor de resistência de sua vida e, por consequência, de seus escritos. Que, por meio de tão bons exemplos, uma sinalização se faça presente: o desenvolvimento político das questões identitárias passa também, obrigatoriamente, por um novo entendimento da ideologia e do mundo do trabalho – estrutura e pilar de um sistema que evita o horizonte de qualquer alternativa, mas ainda assim não consegue impedir que elas existam.

Boa leitura!

*Matheus Cosmo*  
*Editor do número*

### Referências bibliográficas

- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.